

SUPERANDO O IDADISMO

GUIA DE BOAS PRÁTICAS PARA
CONVIVÊNCIA INTERGERACIONAL



Organizadoras

Dra. Leides Barroso A. Moura
Me. Maria Weila Coêlho Almeida
Dra. Marisete Peralta Safons
Dra. Grasielle Silveira Tavares
Dra. Elen Cristina Geraldês
Dra. Jaciara Oliveira Leite
Me. Maria Cristina Hoffmann
Esp. Maria da Glória David Silva Costa

Objetivos do Desenvolvimento Sustentável apoiados por esta iniciativa



Prefácio

Ainda é cedo

Saída da mente criativa e inquieta de Darcy Ribeiro e do pensamento educacional revolucionário de Anísio Teixeira, a Universidade de Brasília (UnB) faz questão de se reinventar. Concluímos o ano de 2023 com a alegria de uma novidade que fez valer o slogan de nossa campanha institucional, “futuro é agora”. Anunciamos processo exclusivo para entrada em cursos de graduação de pessoas com 60 anos ou mais. Em janeiro de 2024, fizemos a primeira seleção de novíssimos estudantes.

O presente, portanto, vale também agora. O vestibular em que filhos e netos acompanharam pais e avós ansiosos foi um momento lindo de testemunhar. Pudemos perceber que a chave da cidadania é estar inserido na vida cotidiana sem barreiras de discriminação e preconceito.

Para a UnB, envelhecer constitui sabedoria, saúde e sobriedade. Temos saudade do que seremos de agora em diante, de modo alegre e cooperativo. A idade nos conforma e conforta como elemento de construção da cidadania.

Preparada por pesquisadoras extremamente qualificadas, esta cartilha apresenta, de modo claro e objetivo, como a Universidade trata o envelheci-

mento e como gostaria que a sociedade cuidasse da convivência entre as gerações. Vem se juntar a grupos de pesquisa, programas de pós-graduação e projetos de extensão que se dedicam, de diversas formas, ao envelhecimento saudável na UnB.

Temos convicção de que o direito à educação e o direito à universidade não têm idade. Começar a estudar ou voltar a estudar, tanto faz. O importante é a ação. Por isso, a palavra “ainda” nos interessa aqui como advérbio que prolonga o tempo.

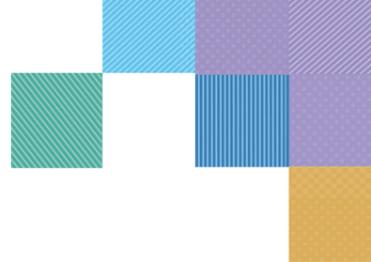
Convocamos, assim, nossos estudantes de todas as idades a ler este guia. Com ele, aprendemos a compartilhar espaços reais e imaginários em busca de harmonia no ambiente universitário. A partir da experiência de vidas traçadas em diversas etapas, queremos fazer uma Universidade de Brasília mais humana, mais inclusiva, mais diversa. Vamos envelhecer juntos – ainda, agora e sempre.

Márcia Abrahão

Reitora da UnB

Sumário

Prefácio	3
Apresentação	7
Introdução	9
Capítulo 1 - O preconceito contra a pessoa idosa tem nome: Idadismo. Vamos falar sobre isso?	17
Capítulo 2 - Linguagem & Idadismo	27
Capítulo 3 - Boas práticas de convivência intergeracional	33
Capítulo 4 - Sugestões de leitura	39



Apresentação

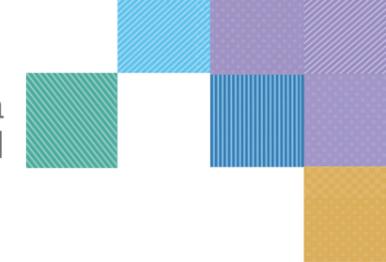
A Constituição Brasileira, a Política Nacional da Pessoa Idosa e o Estatuto da Pessoa Idosa marcam um avanço na compreensão legal do envelhecimento como um direito personalíssimo e sua proteção como um direito social. A Universidade de Brasília, por sua vez, criou a Política do Envelhecimento Saudável, Participativo e Cidadão (PESPC), implantada em 2023, que firma um compromisso com o acolhimento e a valorização das pessoas idosas.

A política adota valores e princípios fundamentais:

- Reconhece a essencialidade da garantia do cumprimento de todos os direitos assegurados na Constituição Federal de 1988 e nenhum direito a menos;
- Adota a desconstrução do idadismo e a defesa do envelhecimento como direito humano fundamental.
- Compreende a pessoa idosa como protagonista social e cidadã;
- Assume que aprender a estabelecer e manter interlocução com todas as gerações compõe um projeto de educação que promove a dignidade do envelhecer;
- Reconhece que uma educação para o envelhecer se baseia nos pilares do envelhecer com cidadania, na heterogeneidade das velhices e na interseccionalidade.

Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.

Art. 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)



Introdução

O termo *idadismo*, também conhecido como *ageísmo*, representa uma forma de preconceito e discriminação com base na idade, especialmente quando se trata de pessoas mais velhas. É importante destacar que o idadismo é recorrente no cotidiano e nas instituições, na forma como as pessoas se veem e são vistas, mas nem sempre é identificado por quem comete ou sofre esse tipo de preconceito.

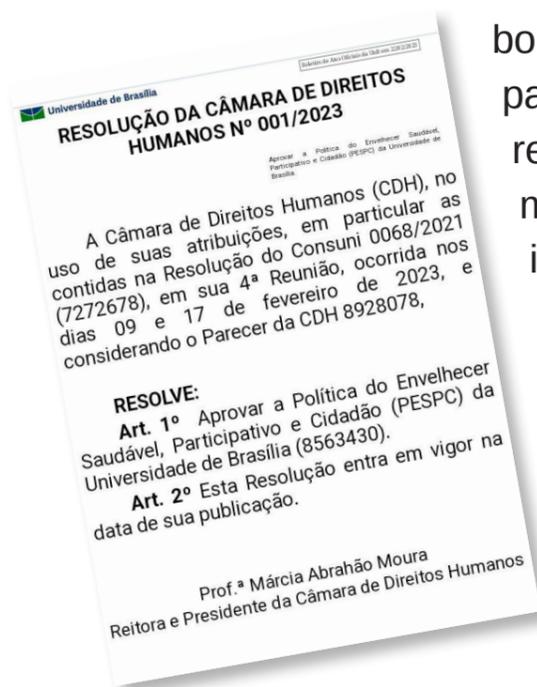
A linguagem oral, gestual, escrita é instituída de forma socio-cultural e tem suas vantagens e perigos. Sendo assim, podemos observar o poder que as palavras têm nas convivências coletivas.

Como o idadismo é estrutural em nossa sociedade, se fazem necessários processos educacionais de modo a desconstruir a linguagem idadista no cotidiano das interações, na mídia e nas instituições.

Apesar de todas essas conquistas, o envelhecimento continua a ser visto como uma fase da vida com muitas limitações, em que não é possível sonhar ou construir projetos de vida. Pessoas idosas são vítimas do idadismo, uma forma de preconceito que as

considera menos inteligentes, capazes e bonitas do que jovens. O presente guia é parte de uma iniciativa mais ampla para reconhecer e promover os direitos humanos e contribuir para a superação do idadismo estrutural presente nas práticas de pessoas e instituições.

Convidamos você a se juntar a nós nesta importante missão de mudar a narrativa sobre a velhice e construir uma sociedade mais inclusiva e plural.



Vamos refletir?

Você já pensou em como tem se comunicado?
E o quanto se expressa por meio de ideias e julgamentos que a sociedade tem propagado?



Crenças que demonstram e reforçam condutas sobre idadismo

A depender do contexto e das circunstâncias em que as palavras e gestos são utilizados, eles podem expressar diferentes significados, valores, pensamentos e sentidos que podem ser interpretados de diferentes maneiras.

Assim, os mitos e verdades são construídos ao longo dos tempos e passam por constantes reconstruções.

MITO	VERDADE
 Pessoas idosas como objetos de simpatia e pena (são gentis e não oferecem perigo).	 Pessoas idosas são cidadãos plenos de direitos.
 A população idosa é homogênea (todos passam pelas mesmas situações ao envelhecer).	 Pessoas idosas possuem capacidades intrínsecas e extrínsecas e formam um grupo heterogêneo e cheio de diversidades.

MITO	VERDADE
<p> Os educadores do sistema formal de ensino já conhecem todas as potencialidades das pessoas idosas.</p>	<p> É necessário aprender com as pessoas idosas, reconhecendo suas múltiplas capacidades.</p>
<p> O foco nas pessoas idosas deve ser apenas em suas limitações.</p>	<p> Pessoas idosas são agentes ativos de mudanças societárias e contribuem para o desenvolvimento do país.</p>

MITO	VERDADE
<p> Pessoas idosas não devem mais estudar ou trabalhar.</p>	<p> Pessoas idosas têm o direito de continuar aprendendo, trabalhando e se engajando socialmente.</p>
<p> A "velhice" é estritamente ligada à idade cronológica.</p>	<p> A percepção equivocada sobre a velhice é frequentemente usada para marcar alguém como inferior ou descartável.</p>
<p> Pessoas idosas não conseguem aprender coisas novas e têm muitas limitações cognitivas.</p>	<p> Pessoas idosas mantêm a capacidade de aprender, serem criativas, criar novas memórias, construir projetos de vida, melhorar ou compensar o desempenho em diversas habilidades.</p>

“Levantei cedo para fazer uma caminhada. Quando estava prestes a atravessar a faixa de pedestre, uma pessoa idosa quase foi atropelada. O motorista parou e disse: ‘Velha, você está com demência? Vá para casa!’ Fiquei assustada e refleti: isso é idadismo! Discriminação contra a pessoa idosa”.

Eudete Alves Lustosa, 74 anos



Exemplos de comentários idadistas são comuns e, muitas vezes, passam despercebidos. Frases como “Você ainda quer estudar?”, “Você ainda está dirigindo?”, “Você ainda não aprendeu a usar esse aplicativo?”, “Você ainda está trabalhando?” ou “Ela já sabe ler?” são expressões presentes no dia a dia que foram normalizadas.

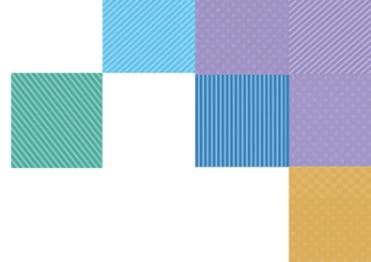
A palavra *ainda* é empregada para questionar a capacidade de pessoas idosas, enquanto o *já* se refere ao desenvolvimento infantojuvenil e juvenil. Esses tipos de comentários evidenciam a presença do idadismo e sua influência nas interações sociais, muitas vezes perpetuando estereótipos prejudiciais e injustos em relação à idade das pessoas.

Essas atitudes discriminatórias podem ser tanto implícitas quanto explícitas. Como consequência desse complexo sistema, pessoas de diferentes idades, incluindo crianças, jovens e idosos, frequentemente enfrentam a subestimação de seu papel como

agentes sociais ativos, produtores culturais e detentores de autonomia em cada fase de suas vidas. Essa subestimação impacta não apenas indivíduos, mas também a sociedade como um todo, ao limitar o potencial de contribuição e enriquecimento mútuo que pessoas de todas as idades podem oferecer.

Art. 4º Nenhuma pessoa idosa será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei.

Estatuto da Pessoa Idosa



Capítulo 1

O preconceito contra a pessoa idosa tem nome: idadeísmo. Vamos falar sobre isso?

A população urbana do Brasil é notavelmente diversa, e os processos de envelhecimento expõem as disparidades no acesso à igualdade de oportunidades ao longo da vida. Portanto, a garantia dos direitos das pessoas idosas é uma prioridade necessária e crucial na agenda política.

O direito fundamental de envelhecer com dignidade está sob constante ameaça devido ao idadeísmo, profundamente enraizado em nossas vidas diárias, influenciando nosso cotidiano, influenciando nossas ações e omissões desde a infância nas relações interpessoais, pois se baseia numa imagem equivocada da categoria social “velhice”.

O preconceito baseado na idade deixa marcas significativas que afetam todas as esferas da vida social.

O idadeísmo se expressa nas políticas e legislações estatais, que perpetuam o preconceito. Somos imersos em sistemas sociais que promovem estereótipos relacionados à idade, gênero, raça e classe social, afetando nossas relações familiares, interpessoais e geracionais e (re)produzem preconceitos.

Os preconceitos dependem das relações de poder. Neste sentido, as atitudes idadeístas explícitas negam a velhice como fase da vida. As atitudes idadeístas implícitas ocorrem de maneira

naturalizada, de modo que pessoas de todas as idades ajam preconceituosamente.

O aprendizado equivocado sobre a velhice tende a se consolidar, frequentemente sem ser reconhecido como prejudicial, violador da dignidade e gerador de impactos negativos, tanto pessoais quanto coletivos. O preconceito baseado na idade tem componente cognitivo, afetivo e comportamental que afeta uma em cada duas pessoas em todo o mundo (OMS, 2021). A transformação dos valores relacionados ao envelhecimento requer um esforço conjunto do Estado, da sociedade, das famílias e dos indivíduos de todas as idades. O idadismo sistêmico está associado a diversas formas de violência contra pessoas idosas e é uma causa que impede uma priorização do tema na agenda política global (MIKTON *et al.*, 2022).

A sociedade brasileira está assentada historicamente em uma violência produtora de profundos abismos, como afirmou Darcy Ribeiro (1995). Nesse aspecto, é fundamental lutar para superar a violência do idadismo e defender a concretização da vida digna para as pessoas idosas, apesar das dificuldades.

Produzir ações e políticas públicas que coloquem as pessoas de todas as idades juntas nos espaços públicos da cidade, escolas, universidades, mercado de trabalho, academias ao ar livre ou espaços criativos e de lazer é um caminho para a construção de redes de solidariedade, onde as pessoas se juntam, se cuidam e se protegem.



A base destas ações é a própria educação intergeracional. Envelhecer saudável, com ampla garantia de direitos sociais, afetivos, legais e éticos, precisa ser para todos.

A superação dos estereótipos relacionados à velhice, que frequentemente negam às pessoas o direito de desenvolver projetos de vida e novas subjetividades como cidadãos, precisa ser conquistada.



Os 21 anos do Estatuto da Pessoa Idosa, e a garantia de suas máximas, entre eles o previsto no art. 10 – que é assegurar a liberdade, o respeito e a dignidade da pessoa idosa – exige reconhecer com lucidez essas complexidades do caminho. Atuar politicamente para reorientar a caminhada de forma a fazer brotar uma inquietação sobre os idadismos existentes é urgente para que, finalmente, se enxergue que a velhice pertence a todos. O dever político é obrigação. O agir social é para ontem. Um país que possui o presidente mais velho a ocupar a cadeira do Executivo Federal de todos os tempos precisa olhar com seriedade para o problema social do idadismo.

A minimização do ser humano idoso, o isolamento para um lugar subalterno, a desvalorização no trabalho, as residências precárias e “lares” que parecem mais um lugar para morrer do que para viver precisam acabar. Esse tempo já era, essas práticas precisam ser encaradas como o são: obsoletas e violadoras de direito.

A indignação precisa existir para que se concretize o previsto no Estatuto da Pessoa Idosa. Os passos seguros

para a mudança, portanto, estão previstos no Estatuto e em outras leis nacionais. No entanto, mais do que isso, é necessário atingir o coração das pessoas e das instituições a fim de fortalecer as ações de enfrentamento ao idadismo.

Nesse sentido, é possível indicar alguns caminhos. As políticas voltadas para a infância e juventude, por exemplo, devem operar em articulação com as políticas destinadas às pessoas idosas. É essencial que essas políticas se comuniquem de forma eficaz, visando fortalecer o combate e prevenir o idadismo por meio da promoção de práticas intergeracionais.

Essas práticas, que envolvem a interação e o entendimento entre diferentes faixas etárias, não apenas auxiliam na quebra de estigmas relacionados à idade, mas também promovem uma compreensão mais profunda e respeitosa entre as gerações, criando um circuito virtuoso intercultural e que atravessa gerações, construindo vínculos e ressignificando o olhar sobre os mais velhos. Outra importante contribuição desse convívio intergeracional é que rompe com estigmas relacionados à idade, como os de que





As atitudes e práticas idadistas são graves violações dos direitos humanos das pessoas idosas. Ao abordar e discutir o idadismo, aumenta-se a reflexão coletiva sobre questões importantes acerca do tema. Isso contribui para advertir o Estado e a sociedade sobre os desafios enfrentados pelas pessoas idosas.

Dessa forma, deve-se fomentar mudanças atitudinais, estimular o diálogo, promover a efetivação dos direitos das pessoas idosas a uma vida digna, livre de violências, influenciando políticas públicas para criar uma sociedade mais justa e inclusiva, onde pessoas de todas as idades sejam respeitadas e valorizadas. A diversidade da nossa sociedade deve ser comemorada. O Brasil plural, como o reconhecemos, só o é porque há um grupo muito diversificado de pessoas, entre elas os mais velhos.

São eles e elas que fazem parte com primazia da contação das histórias, da rememoração das memórias e, com isso, dão consistência às ações do hoje e do amanhã. Com tudo isso, não há como aceitar o idadismo. A diferença no acesso às oportuni-

adolescentes são problemáticos ou idosos são lentos. Convivendo juntos, percebe-se que há uma grande diferença entre sujeitos e entre fases da vida, mas o respeito e o afeto podem favorecer o crescimento conjunto.

Estudos como o de Ferreira (2020) mostram que uma dimensão fundamental nas relações intergeracionais é a dimensão educacional. O Relatório Global sobre o idadismo de 2021 ressalta que a escola é uma instituição imprescindível onde o idadismo está apenas começando a ser reconhecido. O dossiê sobre “A multidimensionalidade das velhices: perspectivas do envelhecimento nas agendas do século XXI” realça que as “condições objetivas e subjetivas de vida, a moradia, o bairro e a cidade, o urbano e o rural, os programas e serviços, as redes de proteção e cuidado, velhices e interseccionalidade, o ambiente e a ambiência, são escalas de debate importantes nas análises dos determinantes sociais do envelhecimento (Moura *et al.*, pg. 2).



des de vida não pode ser geradora de iniquidades sociais. Envelhecer é para todos. Envelhecer saudável, com ampla garantia de direitos sociais, afetivos, legais e éticos, precisa ser para todos.

A superação dos estereótipos relacionados à velhice, que frequentemente negam às pessoas o direito de desenvolverem projetos de vida e novas subjetividades como cidadãos, precisa ser conquistada.

Referências

IKTON, Christopher, LAURA Campo-Tena, YONGJIE Yon, MARIE Beaulieu, YUSRA Ribhi Shavar. *Factors shaping the global political priority of addressing elder abuse: a qualitative policy analysis*. The Lancet. Healthy Longevity 3.8 (2022): E531-539.

Organização Pan-Americana da Saúde. *Relatório mundial sobre o idadismo*. Washington, D.C.; 2022. Licença: CC BY-NC-SA 3.0 IGO.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. (p.193-204).

“Agora, encontro-me no inverno, que me agasalha e me presenteia com sua sabedoria. Mesmo assim, há dias em que o frio me estremece inteira, o frio congelante do idadismo, tão presente no nosso cotidiano”.

Sonia Maria H. Reinehr, 75 anos



Capítulo 2

Linguagem & Idadismo

Idadismo e linguagem estão intrinsecamente conectados. De fato, o idadismo é uma forma de violência que se traduz, muitas vezes, na linguagem. Na mídia, o discurso idadista está presente na invisibilidade da pessoa idosa, que não ocupa protagonismo em séries, novelas ou telejornais, e em falas que tendem a identificar as pessoas idosas como “coitadinhas”, “fofinhas” ou mesmo heróis e heroínas cheios de sabedoria ou que ameaçam o futuro dos jovens do país. No cotidiano das relações interpessoais e institucionais são comuns mensagens idadistas, como as que tornam a idade um tabu que não deve ser discutido, em geral associada à beleza, à saúde e à juventude eterna. Percebem a pessoa idosa como antiquada, não atualizada ou ultrapassada e assumem mitos sobre a velhice.

VEJAMOS ALGUNS EXEMPLOS DE COMENTÁRIOS IDADISTAS QUE PERMEIAM O COTIDIANO

“Nossa, você não parece a idade que tem!”

“Você deve ter sido muito bonita quando era jovem!”

“Esse corte de cabelo não combina mais com
a sua idade!”

Vamos refletir?

Dito dessa forma, aquela pessoa, pela idade que tem, parece sugerir que ela deveria estar mais feia. Qual o incômodo de estar com a aparência da própria idade? O que é “beleza” para pessoas preconceituosas?



Vamos refletir?

Não há idade para os adultos entenderem de algum assunto e nenhum tema pode ser considerado como exclusivo de pessoas jovens ou de pessoas mais velhas. Portanto, não pareça surpresa(o) se uma pessoa mais velha for bem-informada sobre redes sociais, tecnologias da informação, plataformas de trabalho ou relacionamento.

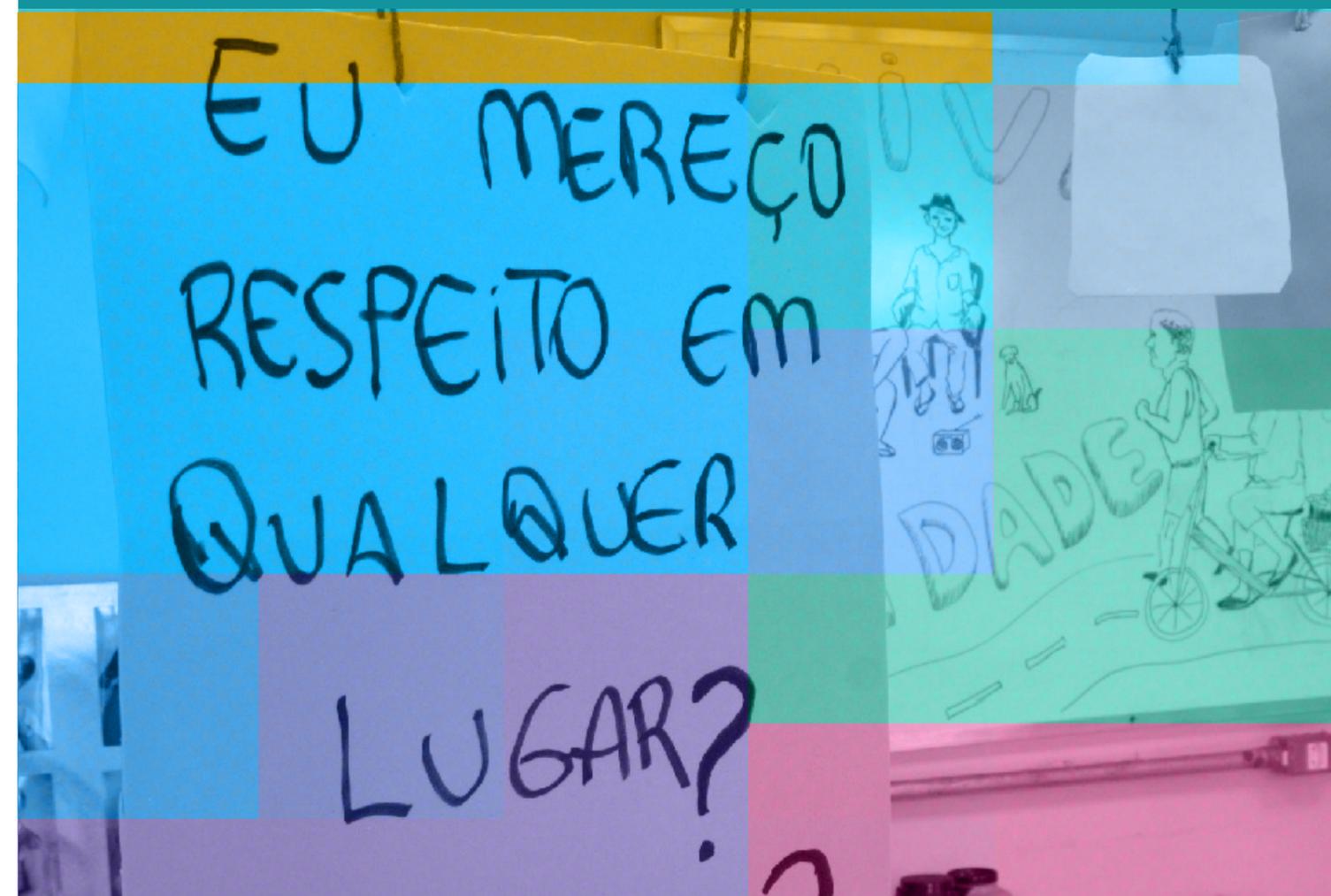


Há comentários que parecem elogios, mas na verdade, reforçam que a pessoa é bonita apesar de não ser jovem. Isso sugere que a beleza só existe na juventude e não em todas as etapas da vida. Por que não dizer apenas “você está bonita(o), cheia(o) de vida”?

“Ele(a) não entende dessas coisas, pois já está velho(a)”

“Você não tem mais idade para usar isso!”

“Tá querendo parecer mocinha/garotão.”



Quais comportamentos definem juventude? Trabalhar? Estudar? Gostar de sair ou dançar? Namorar? Viajar? Encontrar amigos? Querer mudar de carreira? Pois bem, acredite: nada disso é exclusividade de uma fase da vida. Pessoas de todas as idades têm direito de fazer aquilo que lhes permita serem felizes e realizar projetos de vida.

“Desculpa perguntar, mas quantos anos você tem?”

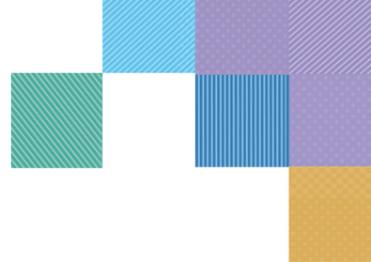
“Estudar nessa idade?”

“Namorar nessa idade?”

Vamos refletir?

- Envelhecer não é feio ou errado, muito menos ofensa para se pedir desculpas. Envelhecer é conquista!
- Acredite, se duas pessoas escolhem namorar, casar ou mesmo ter um relacionamento casual, é porque há sintonia entre elas e a idade é o que menos importa.
- Esquecer faz parte da vida. Ninguém demonstra preocupação quando um jovem de 20 anos não se lembra de onde largou o celular ou não se recorda do nome da namorada do primo.
- Estudar é direito! O marcador idade não define potencialidades.





Capítulo 3

Boas práticas de convivência intergeracional

Cada vez mais, as comunidades universitárias estão sendo instigadas a desenvolver uma consciência coletiva de que pessoas de todas as idades têm necessidades educacionais diversificadas ao longo de suas vidas. As mudanças no perfil demográfico brasileiro, caracterizado pelo rápido crescimento da população idosa, destacam a urgência da inclusão e celebração da diversidade geracional nas universidades.

Uma instituição de ensino superior tem a responsabilidade social e, ao mesmo tempo, o desafio de se organizar e revisar constantemente suas políticas e prioridades para se tornar cada vez mais inclusiva, plural e diversificada. No entanto, é importante reconhecer que no cotidiano acadêmico, preconceitos baseados na idade, gênero, raça, classe social e outros podem surgir por meio de linguagem e comportamentos preconceituosos, seja por parte de docentes, técnicos administrativos ou estudantes.

A forma como pensamos, sentimos e agimos equivocadamente sobre a velhice precisa ser reformulada, pois estereótipos, preconceitos e discriminações podem se manifestar no ambiente acadêmico, afetando o direito à dignidade no processo de envelhecimento.

O direito social à educação em todas as fases da vida é garantido pelas leis do país e deve ser refletido no Plano de Desenvolvimento Institucional e nas políticas universitárias.



A Universidade de Brasília (UnB) é a primeira universidade brasileira a aprovar uma política voltada para o envelhecimento. A Política para o Envelhecer Saudável, Participativo e Cidadão da UnB tem a intenção de atender e adequar as necessidades de pessoas idosas na ótica dos direitos humanos, combater o etarismo e, principalmente, preparar as gerações para o envelhecimento saudável, participativo, digno e cidadão.



No dia 17 de fevereiro de 2023, a Câmara de Direitos Humanos da UnB (CDH) aprovou, por unanimidade, a Política para o Envelhecer Saudável, Participativo e Cidadão.

O primeiro vestibular 60+ da UnB já é fruto desta política.

Pesquisas revelam que estudantes mais velhos enfrentam barreiras estruturais relacionadas ao idadismo nas organizações acadêmicas. Estudantes, docentes e técnicos administrativos mais velhos podem sofrer e praticar preconceitos que limitam suas capacidades e potenciais. O idadismo reduz as expectativas e pesquisas indicam que as pessoas ido-

sas, frequentemente, podem se perceber como incapazes e incompetentes. O Relatório Global sobre idadismo (OMS, 2021) destaca que promover o contato e o diálogo intergeracionais, bem como desenvolver políticas que incluam estudantes de todas as idades, ajuda a combater práticas preconceituosas relacionadas à idade.

AQUI ESTÃO ALGUMAS DICAS DE BOAS PRÁTICAS PARA ACOLHER PESSOAS DE TODAS AS IDADES EM AMBIENTES EDUCACIONAIS E PROMOVER O RESPEITO ENTRE OS MEMBROS DA COMUNIDADE ACADÊMICA:

Os estereótipos, preconceitos e discriminação baseados na idade afetam pessoas idosas e jovens no cotidiano universitário.

O idadismo afeta a saúde e pode produzir sofrimento mental e isolamento social.

Os valores equivocados sobre a velhice foram internalizados desde a infância, mas novos sistemas de valores baseados na dignidade humana podem ser aprendidos. O aprendizado dos sistemas de opressão na infância revela a importância e urgência de uma educação em direitos humanos ao longo do curso da vida.



As tensões geracionais podem ser coibidas com o abandono dos valores normativos que estabelecem a juventude como melhor fase da vida e com práticas de convivência respeitosa. Os aspectos estruturais da sociedade e suas desigualdades se manifestam nos repertórios culturais das pessoas, famílias e organizações.

A prática de ameaça e estereótipos negativos sobre pessoas idosas precisa ser identificada precocemente antes que se instalem outras formas de violências, bullyings e violações de direitos.

A diversidade geracional precisa ser celebrada e boas práticas voltadas para acolher pessoas de todas as idades na universidade podem promover um ambiente inclusivo e livre de idadismo.

O uso de linguagem apropriada, não idadista, precisa ser capilarizado na prática pedagógica de professores e estudantes.

Fica a dica

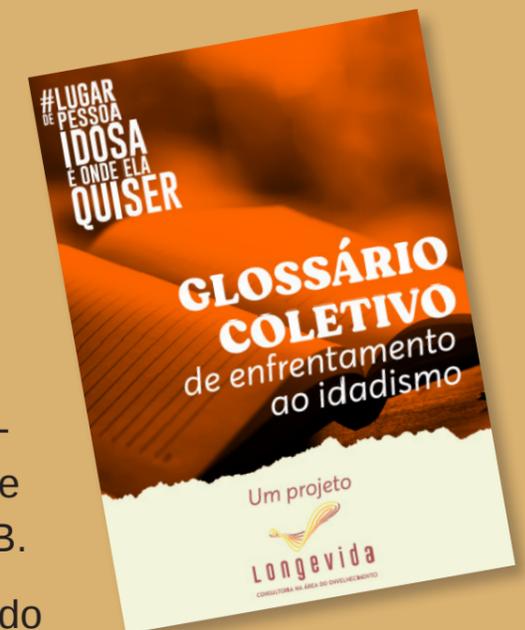
O Glossário Coletivo de Enfrentamento ao Idadismo 2021-2022 faz parte integrante da campanha #LugardePessoaIdosaÉOndeElaQuiser, lançada pela Longevida, uma consultoria criada e dirigida por Sandra Regina Gomes, doutoranda em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional pelo Ceam/UnB.

A Longevida contou com a parceria do Grupo de Trabalho Envelhecimento Saudável e Participativo (GTESP/UnB) e de outros colaboradores na realização da campanha, organização de lives sobre idadismo e na elaboração do glossário. A pesquisa para a criação do glossário abrangeu as cinco regiões do Brasil e teve a participação de outros 17 estados, com o objetivo de identificar palavras, expressões, frases e depoimentos que evidenciam o idadismo contra pessoas idosas.

O Glossário do Idadismo pode auxiliar na compreensão dessa violência.



Acesse: https://www.longevida.org.br/glossario_idadismo.pdf



- **Pressupostos epistemológicos das Cidades Amigas das Pessoas Idosas: uma revisão de escopo**
<https://acta-ape.org/en/article/epistemological-assumptions-of-age-friendly-cities-a-scoping-review/>
- **Isolamento social entre pessoas idosas em tempo de distanciamento social na pandemia de Covid-19**
<https://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/22576/15821>
- **A multidimensionalidade das velhices: perspectivas do envelhecimento nas agendas do século XXI**
<https://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/23725/15947>
- **Documentário: Como nós Somos**
<https://www.youtube.com/watch?v=nIIGGRTCBs8>
- **Perspectiva de uma educação intergeracional para todas as gerações**
<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/7551>
- **Memórias de Protagonismo e Resistência: a história do Fórum Distrital da Sociedade Civil em Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa no DF**
<https://portaldoenvelhecimento.com.br/e-book-traz-as-memorias-de-protagonismo-e-resistencia-no-distrito-federal/#>
- **Dossiê: Ações na Universidade de Brasília no tema do envelhecimento nos últimos 10 anos 2012-2022**
https://fef.unb.br/images/PDFs/2023/Dossi_Final_-_Grupo_de_Trabalho_Envelhecimento.pdf

- **Memórias e afetos: 60 anos da Universidade de Brasília**
<https://ceam.unb.br/ceam-comunica/divulgacoes/148-memorias-e-afetos-60-anos-da-universidade-de-brasilia>
- **Brasília 63 anos: a cidade que percebo e a cidade que desejo**
<https://www.defensoria.df.gov.br/?p=65778>
- **Cartilha Isolamento Social de Pessoas Idosas**
<https://envelhecercidadao.wixsite.com/envelhecercidadao/e-books>
- **Poesias de Pessoas Idosas**
<https://envelhecercidadao.wixsite.com/envelhecercidadao/e-books-1>
- **Cartilha Cidade Inclusiva**
<https://envelhecercidadao.wixsite.com/envelhecercidadao/e-books>
- **Pessoa idosa e o vírus do ageísmo**
<https://www.youtube.com/watch?v=RXXPZhQL66A>
- **Relatório Mundial Sobre o Idadismo**
<https://iris.paho.org/handle/10665.2/55872>
- **Revista Estude na UnB**
https://www.deg.unb.br/images/Diretorias/DIEG/arquivos_gerais/revista_digital_DEG_2022.pdf
- **Revista Darcy**
<https://revistadarcy.unb.br/todas-edicoes>
- **Manual do Estudante**
<https://www.deg.unb.br/estudante>
- **Portal do Estudante de Graduação na Biblioteca Central (BCE)**
<https://bce.unb.br/portal-do-estudante-de-graduacao/>

Sobre as organizadoras:



Leides Barroso Azevedo Moura é enfermeira e professora do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional, de Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam) da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Câmara de Gestão de Pessoas e da Comissão de Acompanhamento da Política do Envelhecer Saudável, Participativo e Cidadão da UnB. Coordenadora do Projeto de Extensão de Ação Continuada Construindo uma Universidade para Todas as Idades e do Grupo de Trabalho Envelhecimento Saudável e Participativo (GTESP) – DAC / DASU / UnB. Contato: leidesm74@gmail.com



Maria Weila Coêlho Almeida é assistente social. Mestre. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (PPGDSCI / Ceam) da Universidade de Brasília (UnB). Integrante dos Grupos de Pesquisa Envelhecer Cidadão e do Projeto de Extensão de Ação Continuada Construindo uma Universidade para Todas as Idades. Contato: weilaa159@gmail.com



Marisete Peralta Safons é professora da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (UnB). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Atividade Física para Idosos (GEPAFI). Membro do Grupo de Trabalho Envelhecimento Saudável e Participativo (GTESP) – DAC / DASU / UnB. Contato: mari7@unb.br



Grasielle Silveira Tavares é terapeuta ocupacional e arteterapeuta. Professora do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (PPGDSCI / Ceam) da Universidade de Brasília (UnB). Coordenadora do Projeto de Extensão Vivacidade – rede de protagonismo na velhice. Vice-coordenadora da Pós-Graduação em Acessibilidade Cultural no polo Centro-Oeste. Membro do Grupo de Trabalho Envelhecimento Saudável e Participativo (GTESP) – DAC / DASU / UnB. Contato: grasielleunb2014@gmail.com



Elen Cristina Gerales é jornalista e professora do curso de Comunicação Organizacional e do Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos e Cidadania da Universidade de Brasília (UnB). É doutora em Sociologia. Membro da Câmara de Direitos Humanos e presidente da Comissão de acompanhamento da Política do Envelhecer Saudável, Participativo e Cidadão da Universidade de Brasília. E-mail: elenger@unb.br



Jaciara Oliveira Leite é professora na Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (UnB) e no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF). Doutora em Educação. Membro da Câmara de Direitos Humanos e da Comissão da Política para o Envelhecer Saudável, Participativo e Cidadão da Universidade de Brasília. Contato: jaciara.leite@unb.br



Maria Cristina Hoffmann é Consultora Nacional para o Envelhecimento Saudável – OPAS/OMS, no Brasil. Membro do Grupo de Trabalho Envelhecimento Saudável e Participativo (GTESP) – DAC / DASU / UnB.



Maria da Glória David S. Costa é profissional de educação física, especialista em fisiologia do exercício e mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Física (PPGEF) da Universidade de Brasília (UnB). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Atividade Física para Idosos (GEPAFI). Contato: mariacosta.unb.ufal@gmail.com



Universidade de Brasília

